

## RESENHA

*Aluisio Yañez de Souza\**

SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo**: o apóstolo da glória de Deus em Cristo. São Paulo: Vida Nova, 2015. 480 p.

Schreiner é pastor e professor de interpretação do Novo Testamento no Southern Baptist Theological Seminary, em Louisville, Kentucky. A obra foi publicada originalmente em inglês em 2001 e em português em 2015, por Edições Vida Nova, sendo endossada por três renomados acadêmicos americanos.

Do prefácio, observamos que ele se propôs a escrever para estudantes universitários e seminaristas, trazendo informações exegéticas riquíssimas sobre os escritos de Paulo. Porém, mesmo o leitor menos especializado das Escrituras pode acompanhar o raciocínio exposto no livro, desde que o faça com algum esforço.

O autor organizou a obra como uma teologia bíblica dos escritos paulinos, dividindo os capítulos por tema e tratando dos assuntos das treze cartas atribuídas ao apóstolo ao longo do texto, conforme necessário. Além disso, abordou o chamado missionário de Paulo e o sofrimento intrínseco em sua missão, temas geralmente negligenciados em outras obras similares.

Na introdução, vemos uma proveitosa discussão sobre a existência de um centro do pensamento paulino e a busca da identificação desse centro pelos estudiosos. A metáfora do edifício também foi utilizada, sendo bastante útil na compreensão dos escritos, tendo Deus e Cristo por fundamento e substrato da estrutura teológica erguida pelas cartas.

São quinze capítulos, cada um com aproximadamente 25 páginas, abordando sequencialmente temas como o chamado do apóstolo, a base teológica, o sofrimento em sua missão, o reconhecimento do pecado, a solução centrada

---

\* Bacharel em Direito pela Faculdade Mato Grosso do Sul (2013); mestrando em Estudos Bíblico-Hermenêuticos (MDiv) no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

em Cristo, a obra de Deus em Cristo, implicações judiciais e cósmicas, a vida prática e perseverante, o terceiro uso da lei, questões eclesiológicas como unidade, dons espirituais, sacramentos, liderança e o cristão e a cultura, culminando com um capítulo escatológico. O epílogo recapitula sucintamente o conteúdo e o livro inclui um índice remissivo e um índice de passagens bíblicas.

O autor busca compreender e contextualizar as ideias de Paulo de maneira equilibrada, identificando suas principais nuances e conexões internas, não apenas reproduzindo seu pensamento. Sua contribuição se destaca na identificação de aspectos menos explorados na teologia paulina, como a dimensão missionária e o sofrimento na vida do apóstolo Paulo. Consciente das dificuldades em estabelecer um centro para essa teologia, o autor reconhece ser uma “pretensão iluminista achar que é possível resumir tudo em uma ideia principal”, salientando que todo centro proposto acaba por omitir parte do evangelho pregado por Paulo. No entanto, sugere a glória de Deus em Cristo como um possível centro, embasado em um estudo indutivo de suas cartas.

Concordamos que uma teologia paulina autêntica surge do texto bíblico, não sendo imposta por ideias preconcebidas. Os conceitos que constituem essa teologia emanam de uma leitura atenta do texto em seu contexto. Entretanto, ao longo da história da interpretação de Paulo, muitas afirmações foram mais influenciadas pelo mundo e contexto dos intérpretes do que pela intenção original do autor. Isso se assemelha à licença poética em filmes, distorcendo fatos para gerar comoção na audiência.

Porém, o intérprete deve ser um leitor responsável e ponderar o uso que o escritor fez da linguagem, de sua forma e vocabulário, bem como o contexto em que o fez. Somente por essa leitura atenta do texto em seu contexto, observando as evidências internas das cartas, é que será possível compor o pensamento do apóstolo Paulo de forma fidedigna. Nesse ponto, concordamos com o autor, que trouxe à consideração da teologia paulina o aspecto missionário da atividade desenvolvida pelo apóstolo e os sofrimentos intrínsecos à sua missão. São dois aspectos que aproximam o leitor do horizonte do escritor bíblico.

Sobre o aspecto missionário dos escritos paulinos, e o fato de ser tão pouco abordado pelos estudiosos, o autor aduz que talvez o tema “não seja assim tão cativante pelo fato de a maior parte dos estudiosos não serem missionários”. Paulo não era um teólogo sistemático nem sua função precípua era a de pastor titular de igreja local. Embora tivesse um pensamento coerente e exercesse atos de liderança, a missão primordial do apóstolo era proclamar o evangelho aos gentios. “Ele era um missionário *apostólico* que recebera uma comissão e um chamado únicos para estabelecer igrejas”. O chamado de Paulo surpreende pela ênfase na soberania divina, e neste ponto ecoa o chamado dos profetas Isaías e Jeremias: chamados desde o nascimento para um ministério específico, embebido em sofrimento. Afirma o autor que “há evidências significativas de

que o apóstolo compreendia o seu ministério em termos do ‘servo do Senhor’ de Isaías”; “Paulo, provavelmente, via seu ministério como um modelo e uma réplica do ministério do servo do Senhor, de Jesus, o Messias”.

Uma das características do ministério paulino foi a plantação de igrejas onde ela ainda não existia, para não edificar sobre fundamento alheio. “O apóstolo plantou igrejas sistematicamente em centros estratégicos, de modo que os gentios que ainda não tinham ouvido o evangelho pudessem ouvir sua proclamação”. “Ao estabelecer igrejas em centros estratégicos de Jerusalém ao Ilírico, ele lançou as bases, e agora deixa para outros a tarefa de se deslocar desses centros em direção ao interior”. Na carta aos Romanos ele revela sua “ambição missionária que o impulsionou em seu ministério”.

A marca de uma missão bem-sucedida era a perseverança na fé dos membros das igrejas plantadas, razão pela qual a maior parte das “cartas de Paulo foi escrita para preservar a fé daqueles que haviam se unido à nova comunidade”. Concordamos com o autor que a ótica missionária dos escritos paulinos é essencial para a compreensão do seu pensamento. O ímpeto de expandir o conhecimento da glória de Deus em Cristo por toda a terra é o cumprimento das profecias e deve estar inserto no âmago de cada cristão, para o conagraçamento universal dos crentes em Cristo Jesus.

Já sobre o aspecto do sofrimento, o autor aduz que “foi o meio escolhido para que o evangelho fosse proclamado por Paulo aos gentios”, humilhando o fraco mensageiro, realçando o poder de Deus, autor da mensagem, e completando as aflições de Cristo, sem caráter expiatório, mas confirmatório e conformador à estatura espiritual de Cristo.

Outro aspecto da vida de Paulo que está relacionado ao sofrimento, mas em direção diametralmente oposta, é o seu contentamento. Apesar de todos os sofrimentos experimentados em vida, Paulo afirma aos filipenses que aprendeu a viver em paz em todas as circunstâncias. “Digo isto, não porque esteja necessitado, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação” (Fp 4.11). Por sua vez, esse aprendizado é oriundo do exemplo do próprio Cristo (Fp 2.5-11), que, humilhando-se, se entregou ao desígnio divino, no qual o sofrimento lhe estivera intrínseco. Aceitar o desígnio divino, mesmo com certo sofrimento envolvido ou até mesmo o martírio, é a base do contentamento do cristão.<sup>2</sup> No mundo porvir, quando o corpo se tornar incorruptível, livre da presença do pecado, já não haverá sofrimento e o contentamento será ainda maior. “Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para

---

<sup>2</sup> Tal contentamento é a aceitação do que poderíamos chamar de teossuficiência.

que Deus seja tudo em todos”. (1 Co 15.28)<sup>3</sup>; “a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (Ef 1:23).<sup>4</sup>

À guisa de conclusão, podemos dizer que o autor se desincumbiu brilhantemente do seu propósito de apresentar a teologia paulina, desbravando aspectos da vida do apóstolo e justapondo o centro do seu pensamento na glória de Deus em Cristo.

---

<sup>3</sup> Não obstante, o único significado que as palavras do apóstolo produzem é que todas as coisas devem ser restauradas à relação com Deus como seu único princípio e fim, para que estejam estreitamente ligadas a ele. CALVINO, João. *1 Coríntios*. Série Comentários Bíblicos. São José dos Campos, SP: Fiel, 2013, p. 547.

<sup>4</sup> As palavras “aquele que enche tudo em tudo” significam que Cristo enche todo o universo em todos os sentidos; isto é, o universo inteiro não só depende dele para a provisão do necessário, mas também é governado por ele no interesse da igreja, a qual, por sua vez, deve servir ao universo, sendo reabastecida de seus generosos dons. Assim, pois, ele está constantemente saturando todas as coisas com seu amor e poder (cf. Jr 23.24; 1Rs 8.27; Sl 139.7). HENDRIKSEN, William. *Efésios e Filipenses*. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 1992, p. 127.